



Grupo de Trabalho: Experiências em Programas de Formação Docente

CONSTRUÇÃO DO SER DOCENTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DOCENTE EM SOCIOLOGIA

Rennan Ricardo da Silva ¹
Universidade Regional do Cariri

Ruth Rodrigues Santos ²
Rede Estadual de Ensino
Universidade Regional do Cariri

Adriana Maria Simião da Silva ³
Universidade Regional do Cariri

RESUMO

O presente trabalho tem como elemento central relatar e analisar as experiências pessoais de formação e construção do ser docente, período que se inicia desde quando enveredei pela licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Regional do Cariri – URCA, por conseguinte com o Programa Residência Pedagógica no subprojeto de Sociologia, que tem como eixo temático o ensino de Sociologia e a educação antirracista e gênero. O objetivo está na análise e reflexão acerca da construção do ser docente em formação, caminho e desafios enfrentados. E qual a importância dos estágios supervisionados e a Residência Pedagógica para a formação de licenciados, elencando os processos formativos positivos e negativos da aprendizagem da prática de ensino, compreendida como uma trajetória em construção, aperfeiçoamento e lapidação do ser docente no espaço educacional.

Palavras-chave: Sociologia. Residência Pedagógica. Formação Docente.

1. INTRODUÇÃO

Esse relato de experiência aborda minhas experiências educativas na licenciatura em Ciências Sociais, focando o período dos estágios obrigatórios, Estágio I⁴: diagnóstico da escola; Estágio II: Sociologia no Ensino Médio, com enfoque nos múltiplos sujeitos, prática docente e

1 Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Bolsista do Programa Residência Pedagógica (CAPES/URCA). Email: rennan.ricardo@urca.br.

2 Mestre em sociologia (UEPB), Professora associada da URCA, curso de licenciatura em Matemática. Professora da Escola de Ensino Médio de Tempo Integral Teodoro Teles de Quental. Preceptora do Programa Residência Pedagógica (CAPES/URCA). Email: ruth.rodrigues@urca.br.

3 Doutora em Educação (UFC), professora Associada da URCA, curso de licenciatura em Ciências Sociais. Docente Orientadora do Subprojeto da Residência Pedagógica em Sociologia (CAPES/URCA). Email: adriana.simiao@urca.br

4 O primeiro estágio foi realizado no segundo semestre de 2022, na Escola de Ensino em Tempo Integral Tiradentes/E.E.M.T.I Tiradentes. Endereço: Av. Castelo Branco, S/N – CEP: 63050-480 – Novo Juazeiro – Juazeiro do Norte – Ceará.



atuação em sala de aula. O Estágio III⁵: Sociologia no Ensino Médio, a realização da observação da prática docente e do processo de ensino-aprendizagem, relação professor-aluno, regência compartilhada e regência solo, e concomitantemente com a experiência na Residência Pedagógica em Sociologia, até o presente momento.

Este estudo possui como objetivo principal analisar os impactos positivos e negativos nos processos formativos em minha jornada de formação como educador, destacando a importância do aperfeiçoamento contínuo e da constante busca pela excelência no exercício da docência no ambiente educacional. Desta maneira, reflito sobre a construção do ser docente, a atuação como estagiário-residente, ao percorrer tal caminho, e os obstáculos enfrentados nessa jornada.

O material teórico que fundamenta este trabalho parte das autoras como Pimenta e Lima (2012). Com o apoio do livro “Estágio e Docência” das referidas autoras, entendemos que existe todo um trajeto de formação do estagiário e entendimento sobre o que é ser professor e construção de sua identidade profissional. Durante o estágio supervisionado, o estagiário é inserido no ambiente da instituição de ensino, tendo a oportunidade de vivenciar de perto o dia a dia do professor em sala de aula. Nesse processo, é possível aplicar os conhecimentos adquiridos e as concepções teóricas na prática, enriquecendo assim sua formação acadêmica. Destaco o estudo acerca dos Parâmetros Curriculares Nacionais, retratando a história do ensino de Sociologia e sua trajetória no Brasil, enquanto disciplina curricular do ensino médio e sua importância; Orientações Curriculares para o Ensino Médio, com as diretrizes que norteiam a disciplina de Sociologia na educação básica, assim como os princípios epistemológicos que regem a construção do conteúdo da Sociologia no ensino médio, e os recursos metodológicos adequados ao processo de ensino e aprendizagem.

2. RELATO DE EXPERIÊNCIAS: ESTÁGIOS E RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Durante minha formação na licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri (URCA), fui impactado pela transição abrupta para o ensino remoto no meio do curso, em meio à pandemia de COVID-19⁶. O Brasil atravessou períodos sombrios, com graves consequências ocasionadas pela disseminação do vírus⁷. Realidade está que tivemos que vivenciar, quando iniciamos o estágio I, as escolas já estavam em fase de retomada presencial, com nova forma de organização e problemas com evasão⁸, aspectos que detalho posterior

O estágio I, foi um processo de (re)conhecimento da escola enquanto um espaço multifacetado. Nesse percurso, foi necessário realizar pesquisas e intervenção pedagógica no ambiente educativo, que foram registrados no diário de investigação como dispositivo de apoio ao

5 O segundo estágio foi realizado no primeiro semestre de 2023 e o terceiro no segundo semestre de 2023, na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Teodorico Teles de Quental/E.E.M.T.I Teodorico Teles de Quental. Endereço: Rua Dr. Irineu Pinheiro 305 – 63105-170 – Pimenta, Crato – Ceará. Escola que ainda permaneço em atuação enquanto residente pedagógico do Programa Residência pedagógica – CAPES.

6 Sobre o novo coronavírus, acessar o site Organização Pan-Americana da Saúde: [Coronavírus - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde \(paho.org\)](https://coronavirus.opas.org/). Acessado em: 11 de mar. de 2024.

7 O governo do presidente inelegível (2019-2022), atuou de forma assustadora diante das mais de 700 mil pessoas mortas cometidas pela COVID-19, acessar o site Ministério da Saúde: [Coronavírus Brasil \(saude.gov.br\)](https://coronavirus.saude.gov.br/). Acessado em: 11 de mar. de 2024.

8 Não podemos esquecer os problemas psicológicos que docentes desenvolveram na pandemia, para um melhor entendimento ler “Ser professor na pandemia: impactos na saúde mental”, no site UFSM: [Ser professor na pandemia: impactos na saúde mental – Revista Arco \(ufsm.br\)](https://revistaarco.ufsm.br/). Acessado em: 11 de mar. de 2024.



processo formativo (DELORY-MOMBERGER, 2016).

O diário de pesquisa como dispositivo de escrita, ajuda a tomarmos consciência da experiência da prática docente a partir de nossos relatos e detalhes da auto-observação. O diário de investigação é essencial como dispositivo de “pesquisa-ação” qualificante e como elemento central para a formação. A partir dele anotamos: descrições, interrogações, percepções ligadas ao campo de atuação, relações do grupo, reflexões sobre o coletivo. Sendo de extrema importância coletar e registrar elementos do processo de transformação da postura profissional. O diário de campo deve ser entendido como um material precioso não só do registro e acesso ao material coletado, mas um dispositivo de reflexão de uma prática profissional em constante pesquisa e atualização da prática analisada.

Saliento que, o apoio do material teórico estudado foi importante para o preparo do contato com a escola-campo, assim como indicativo sobre a construção da identidade docente e o processo formativo. Essa etapa é marcada por experiências e saberes que formam o licenciando enquanto sujeito inacabado. “O curso, o estágio, as aprendizagens das demais disciplinas e experiências e vivências dentro e fora da universidade ajudam a construir a identidade docente” (PIMENTA, LIMA, 2012, p.67-68).

Com acesso a conteúdos de fundamentação teórico-metodológica e textos de base, é possível compreender a escola como um espaço fundamental para as práticas de ensino e do ambiente institucional. Dito isso, torna-se essencial aprofundar a compreensão deste ambiente educativo e suas complexidades.

Devemos diante dos modelos que nos é apresentado, o docente em sua função e forma de trabalho no contexto escolar, registrar e ponderar críticas ao modelo aplicado para entender que não é apenas memorização e aplicação. É sabido que cada escola é um universo de possibilidades, de fatos e situações específicas, que implicam as experiências formativas, assim como cada sala de aula contém características únicas. Ser “bem-sucedido” em sala de aula não é ter um leque de modelos, o estágio é um momento que podemos observar o cotidiano escolar e que nos dar acesso ao aprendizado da prática docente para que possamos construir e refletir sobre as formas de atuação enquanto futuro professor.

O propósito das teorias é proporcionar-nos um mecanismo de estruturação e uma ferramenta para conduzir análises e investigações que permitam críticas às ações dos indivíduos e às práticas institucionalizadas. As teorias são consideradas como explicações temporárias da realidade, não ignorando, por sua vez, a necessidade de crítica a elas mesmas.

A prática educativa (institucional) é um traço da cultura compartilhada, e com as relações que decorre em âmbitos de suas instituições e da sociedade. Portanto, os futuros professores devem se apropriar da compreensão dessa complexidade das práticas das ações institucionais, para que ganhe preparo para a atuação profissional. É necessário o conhecimento das práticas de ensino e das especificidades institucionais para a ação docente.

2.1 UMA LONGA CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSOR EM UM BREVE RELATO

Ao ingressar no estágio, desde o primeiro contato, ao finalizar essa etapa, cumprindo todas as tarefas requeridas, uma questão se apresenta “será se vou conseguir assumir regência?”. Ao longo da jornada, questionamentos surgiram, levando-me a questionar minhas próprias capacidades. Adentrando o segundo estágio, novas dinâmicas se apresentaram através de uma diferente abordagem pedagógica. Nesse contexto, quando iniciei a participante na Residência



Pedagógica em Sociologia, percebi a persistência desse mesmo sentimento de incerteza e despreparo.

É preciso ficar claro que a desesperança não é maneira de estar sendo natural do ser humano, mas distorção da esperança. Eu não sou primeiro um ser da desesperança a ser convertido ou não pela esperança. Eu sou, pelo contrário, um ser da esperança que, por "n" razões, se tornou desesperançado. Daí que uma das nossas brigas como seres humanos deva ser dada no sentido de diminuir as razões objetivas para a desesperança que nos imobiliza (FREIRE, 1996, p.29).

Em um cenário de transformações profundas, uma nova realidade se estabelece na dinâmica da residência. Com um(a) preceptor(a) de abordagem inovadora e colegas engajados, a experiência torna-se singular. O inusitado da situação não resulta em desesperança, mas sim na ausência temporária de esperanças, promovendo reflexão sobre a condição humana. Portanto, um novo momento para negar a negação da desesperança. Perder a esperança é perder a capacidade de sonhar, é perder o que mais valioso o ser humano tem, a novidade, a esperança. (Freire, 1996).

Foi na Residência Pedagógica que pude “esperançar”. Em uma nova dinâmica, que passo a observar o preceptor Stefeson, sua didática e metodologia, relacionamento com colegas de trabalho, relação professor-aluno e toda sua atuação na escola, seja fora ou dentro de sala. Entretanto, nem tudo é positivo, devo ser sincero. Só que, não posso dizer que apesar de todas as dificuldades, não puder aprender com elas, mentiria.

Analisando as primeiras regências na escola Teodorico Teles de Quental, relato uma “experiência confusa”, um “mix” de sentimentos. De confiança pelo planejamento e organização do plano de aula, ao receio e nervosismo de terminar minha fala em 16 minutos na aula de Sociologia. É nesse sentido, que compreendo a construção do ser docente, como gradual e processual, desde organização do pensamento, domínio do conteúdo, administração de tempo, linha de raciocínio com início, meio e fim. É compreender a complexidade em que temos de lidar.

Foi primordial para o aprendizado da prática docente, questionar o que deu certo e o que não, como metodologia de ensino, didática, domínio de sala. O questionamento é ação que se torna oposição ao conformismo e “métodos puros de aplicação” em sala de aula. Será que realmente é esse professor que quero ser(?), sem significado e sem relevância para o ensino dos meus alunos(?). Passo a questionar sobre o preparo, execução e a forma como eu concluía as minhas aulas, a experiência que fui construindo. A crítica deve estar presente em nosso campo de atuação, assim vamos tomando consciência do que já dominamos e o que precisa melhorar.

O ato de ensinar não é transferir conhecimento, não é depositar informações (Freire, 1996). Quando se entra em sala de aula a indagação, o questionamento, a empolgação deve ser aberta enquanto possibilidade, e nesse caso, a auto-observação é fator preponderante no processo autoformativo, pois aprendemos com a experiência.

O retorno é tão fantástico que, em um dia atípico, comentários simples dos alunos a nós, professores, muda totalmente nossa percepção. Mostrando que o ato de ensino e aprendizagem está no errar e acertar. Isso nos mostrando que o ensinar é muito mais do que transferência de conteúdo, o ensinar deve ser muito mais do que uma educação bancária.

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende



ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém (Freire, 1996, p.12).

O mais gratificante é observar aquele aluno que aprende e nos demonstra que aprendeu, o sujeito da experiência não está em sua atividade, mas em sua passividade. Passividade aqui, entendida como disponibilidade de abertura, anterior ao antagonismo entre passivo e ativo. Passividade está de paciência, paixão, atenção, disponibilidade fundamental que resulta em sua essência a abertura a possibilidade (Bondia, 2002).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o aprendizado foi significativo, até os mais complexos e desafiadores. A Residência Pedagógica possibilita uma imersão na escola, iniciada nos estágios supervisionados, promovendo uma aproximação real com o ambiente escolar e consequentemente o papel do educador. Provendo vivências extraordinárias que marcam a trajetória da formação docente. Experiências positivas são benéficas, pois reforçam a ideia de “recompensa”. No entanto, erros e falhas também desempenham um papel crucial no processo. Ocasionalmente impacta e reflete o presente estado que nos encontramos. O ser docente não se resume ao “sucesso”, mas aquilo que conseguimos realizar diante das adversidades que encontramos. A construção do ser docente é exaustiva por está em um espaço inesgotável de experiências e vivências, afetando e sendo afetado profundamente. Durante minha jornada, destaco a significativa experiência da prática de ensino e tudo que envolve essa dinâmica. Cada etapa percorrida contribuiu para a construção do profissional que estou empreendendo. A docência é um ambiente plural e complexo, no qual me encontro e me dedico intensamente. Retornando as perguntas iniciais, quero ser um professor incompleto? A busca é infundável, a todo o momento buscamos algo para completar nossa atuação, aprendemos com os múltiplos sujeitos que interagimos e as diversas situações que vivenciamos no ambiente educativo. Que esse processo de inacabamento atualize minha didática, a metodologia que escolho utilizar, que redirecione minhas falas e explicações, e me ajude a ter domínio do conteúdo de forma crítica, entre outros elementos que não listei aqui. Afinal, é ensinando que tenho aprendido a ensinar, aprendizado não só teórico, mas aquele que levamos para vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, Abril de 2002, n.º. 19, p.: 20-28. disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 11/03/2024.

CANÁRIO, Rui. A escola como construção histórica. In: **O que é a Escola?** Um olhar sociológico. Porto/Portugal: Porto Editora, 2005.

DELORY-MOMBERGER, Christine. O diário de pesquisa como instrumento de formação e pesquisa na intervenção social. In: DAMASCENO, Maria Nobre; SALES, Cecelina de Maria Veras; OLIVEIRA, Nadja Rinelle (orgs). **Pesquisa qualitativa: formação e experiências**. Curitiba:



CRV, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. cap.: 1 e 2.

MORAES, Amaury Cesar; GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. Metodologia de Ensino de Ciências Sociais: relendo as OCEM-Sociologia. In: **Sociologia: ensino médio** / Coordenação Amaury César Moraes. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 304 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 15).

ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006, p. 101 a 132.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**: diferentes concepções. Revista Poíesis, Vol. 3, Números 3 e 4, pág.5-24, 2005/2006.